

# A VIVÊNCIA DO LUTO EM DECORRÊNCIA DO TÉRMINO DE RELACIONAMENTOS AMOROSOS

GRIEF EXPERIENCE WHEN LOVE RELATIONSHIPS END

Helena Rinaldi Rosa<sup>1</sup>  
Maria Luísa Louro de Castro Valente<sup>2</sup>  
Mônica Martins de Oliveira<sup>3</sup>

**RESUMO:** Partimos do pressuposto de que o luto se manifesta de diferentes formas na subjetividade humana refletindo os preceitos valorizados socialmente. A sociedade atual, por sua vez, tende a viver relacionamentos efêmeros, devido ao individualismo e ao narcisismo. Portanto, supõe-se que a manifestação do luto concorde com tais tendências, sendo progressivamente negado. A fim de testar tal hipótese, o objetivo geral deste trabalho é averiguar como o luto, em decorrência do término de relacionamentos amorosos, manifesta-se na subjetividade humana. São objetivos específicos: compreender as múltiplas formas encontradas pelas pessoas de superação da dor e conhecer os modos de vivenciar, na atualidade, separações e lutos sofridos pelo fim de relacionamentos. Para tanto, foi aplicado um questionário com escalas de atitude tipo

<sup>1</sup>Professora Doutora do Instituto de Psicologia da USP. Mestre e doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Especialista em Psicoterapia Psicodinâmica Psicanalítica pelo Instituto Sedes Sapientiae. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa (CNPq): LITEP - Laboratório Interdepartamental de Técnicas de Exame Psicológico, certificado pela Universidade de São Paulo. hrinaldi@usp.br.

<sup>2</sup>Maria Luísa Louro de Castro Valente. Professora Assistente Doutora do Departamento de Psicologia Clínica do Curso de Psicologia da UNESP/Assis. Mestre e doutora em Educação Brasileira pela UNESP-Marília. Especialista em Psicologia Clínica pelo CRP. luisalourovalente@gmail.com.

<sup>3</sup>Mônica Martins de Oliveira. Psicóloga pela UNESP Assis. Residência em Saúde da Família pela Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA). Mestre em Saúde Coletiva, com ênfase em Política, Planejamento e Gestão pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutoranda em Saúde Coletiva na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). monica.psisauade@gmail.com.

*Likert* a uma amostra de 106 pessoas, 57 mulheres e 49 homens. A análise dos dados obtidos permite observar a ocorrência de fragilização dos vínculos afetivos e tendência a não expressão dos sentimentos de tristeza em público. A vivência do luto apresenta-se progressivamente menos ligada à demonstração da dor, devido à prevalência de vínculos mais superficiais e menos compromissados.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Individualidade. Luto. Separação conjugal.

**ABSTRACT:** This research assumes that grief has many ways of expression in the human subjectivity, depending on the precepts socially shared. In turn, current society tends to live ephemeral relationships due to individualism and narcissism. Therefore, we suppose that grief expression agrees with such trends, and grief is progressively denied. In order to test this hypotheses, we entered into the general goal of figuring out how the grief manifests itself in the human subjectivity, and the following specific objectives was established: to understand the many forms found by people in order to overcoming pain, to know the current ways of experience the end of a relationship and the subsequent grief, whether or not arising from the fellow's death. On that point, there was the application of a questionnaire with Likert attitude scales to a sample of 106 people, 57 women and 49 men, distributed according to age and sex. The data analysis shows some weakening of the emotional bonds and the non-public expression of sadness. The grief experience has become increasingly less related to pain demonstrations, due to the prevalence of more superficial and less involved connections.

**Keywords:** Subjectivity. Individuality. Grief. Marital separation.

## 1 Introdução

A fim de entender as múltiplas variáveis envolvidas no término de relacionamentos amorosos e mais especificamente o luto deles originados, faz-se necessário compreender as atuais possibilidades das quais as pessoas dispõem para interagirem socialmente, bem como os processos de mudança que podem ter contribuído para

estruturar a separação das pessoas da maneira que conhecemos na atualidade. Não obstante, o estudo deve considerar que o fim dos relacionamentos amorosos condiz com a separação dos casais, que por sua vez está relacionada à configuração da família moderna. Esta análise deve abranger um exame da sociedade, considerando suas transformações, pois, de acordo com Lasch (1991), a família possui a característica de refletir o que ocorre ao seu redor, ao mesmo tempo em que possibilita a reprodução dos preceitos culturais da sociedade para a geração mais jovem. A família reage ao mundo externo com alterações em seu tamanho, função e o tipo de personalidade que passa a abranger e a constituir. Em sua obra, o autor constata que a ênfase dada ao sucesso profissional e a crescente preocupação com a vida produtiva transformaram o casamento alicerçado no amor romântico em uma relação baseada no companheirismo – um bom acordo – com vistas à educação dos filhos. No Brasil, essas tendências não diferem muito, segundo aponta Costa (1999).

Por ser baseada no companheirismo, a nova estrutura dos relacionamentos também é um compromisso que pode ser desfeito a qualquer momento se um dos parceiros concluir que já não lhe é mais vantajoso permanecer nele. Desta forma, produziu-se um quadro que possibilita e por vezes até mesmo incentiva um casal a se separar por motivos independentes da morte tais como o cansaço, o desinteresse e a sensação de incapacidade em educar os próprios filhos. Por conseguinte, não se pode negar nem a dificuldade de se escolher um parceiro compatível com o Ideal de Ego, ou seja, a internalização das figuras parentais após o Complexo de Édipo que constituirá o modelo de parceiro ideal, nem o sentimento consciente de que o amor parece impossível, devido à “pressão da realidade” e ao desejo de obter prestígio na carreira em detrimento do sucesso conjugal.

A sociedade atual, na medida em que se liberou de certos dogmas e de alguns preconceitos outrora arraigados, tais como a submissão da mulher e de tabus envolvendo o sexo, criou outras formas

de escravização. A pessoa sente necessidade de um companheiro, mas cria obstáculos para estar com ele e permanece valorizando e vivendo de acordo com a ideologia individualista, produto da sociedade moderna, de receber mais do que dar. Trata-se de uma sociedade narcisista, que quer tudo para si, impede a satisfação e, dessa forma, vive uma eterna procura sem vínculos externos melhor estruturados.

Sennett (2002) indica que essa mudança da família – de um espaço privado reconfortante em uma instituição individualizante, sem distinções claras de suas funções – decorre de um processo de transformação do espaço público. A organização e o sentimento familiar refletem, de forma complementar, o que ocorre neste último. A família, portanto, tornou-se instável, pois nela o princípio da personalidade também passou a predominar, resultando na superficialidade das relações. Pode-se considerar que esta sociedade industrializada, com forte apelo ao consumo, incentiva as pessoas a se relacionarem umas com as outras da mesma forma como se relacionariam com objetos. Não se trata de relações objetais, no sentido psicanalítico do termo, mas de transformar os relacionamentos humanos em algo efêmero, descartável e consumível, cujo principal objetivo é satisfazer a necessidade e os interesses dos envolvidos em conformidade com o acentuado narcisismo que prevalece atualmente.

Os relacionamentos tornaram-se perversos, na medida em que somente os próprios sentimentos são priorizados e há um predomínio da superficialidade nas relações humanas em geral. Em tese, esse contexto faria com que o luto fosse vivido com bastante frequência em cada troca de parceiro, por exemplo, e precisaria ser elaborado mesmo que a morte física do outro não ocorresse. Em seu estudo sobre o luto, Freud (1917; 1974) postula que a perda do objeto amado faz com que a pessoa entre em contato com a parte mais arcaica de seu psiquismo. Para compreender o que ocorre durante a elaboração do luto, é necessário reconhecer que o relacionamento de amor mantido com o objeto só foi possível mediante a identificação

com ele. Pode-se afirmar, mais especificamente, que a identificação precede a catexia objetal.

Quando a liberação da libido no objeto amado fica prejudicada ou totalmente interrompida, a pessoa entra em contato com o que foi internalizado a partir da identificação com o objeto em questão. Nesse momento de perda, a pessoa precisa repensar tudo o que se passou entre a outra e ela e, para isso, entra em contato mais profundo com ela mesma. Tudo o que era liberado no outro passa a voltar, em certa medida, para o seu próprio ego. Portanto, pode-se afirmar que a elaboração do luto é um fenômeno de cunho narcisista, tal qual a fase oral. De qualquer forma, é imprescindível que se viva intensamente o luto, que se sofra, para reconhecer a perda do objeto e a partir daí poder iniciar o processo de elaboração.

No luto, a dor que não é vivida em sua totalidade pode ocasionar sérias complicações para os relacionamentos futuros. A pessoa precisa passar por sua experiência de dor para que consiga se relacionar “inteiramente” de novo. Sem esta experiência, a pessoa pode vir a apresentar manifestações depressivas e o sentimento de culpa pela “morte” anterior pode torná-la incapaz de amar outra pessoa. Nesses casos, pode-se afirmar que a pessoa entrou em um estágio patológico do luto.

No caso de luto provocado por separação cujo motivo não seja a morte física do parceiro, a dor pode ser até mais intensa, pois o outro continua vivo, explica Caruso (1986). Enquanto a pessoa luta para sobreviver ao caos psíquico provocado pela separação, precisa ainda lidar com a ideia de que o outro também a está esquecendo. Assim, além da dor proveniente da necessidade de matar em sua mente o ente querido, também é preciso suportar a dor narcísica de estar, ao mesmo tempo, sendo morto na consciência do outro. Viver este tipo de relacionamento pode ser considerado como se tratasse de matar e morrer constantemente, o que pode provocar um sofrimento intenso.

Nesta luta por continuar vivendo na ausência do objeto amoroso, o ego usará de seus mecanismos de defesa para tentar afastar a

ansiedade, o perigo e o desprazer. Ainda segundo Caruso (1986), os principais mecanismos utilizados são: a agressividade, sob a forma de acusações e desvalorização do parceiro ausente; a indiferença, que pode trazer a repressão e a rejeição da realidade dolorosa; a fuga para adiante, que permitirá ao sujeito se envolver em outras atividades ou buscar prazeres redirecionando a liberação da libido e, finalmente, temos a ideologização, uma última racionalização da separação, que poderá proporcionar um enriquecimento psíquico.

É importante ter em vista que esses mecanismos não se apresentam sempre nessa ordem cronológica, mas muitas vezes se misturam e até podem chocar-se entre si. Pincus (1989) nos alerta de que a forma como a pessoa se posiciona e elabora o luto está diretamente relacionada à relação que mantinha com o objeto (parceiro) perdido, com as circunstâncias em que a separação se deu e principalmente com suas experiências durante a infância. Nas relações baseadas na escolha anaclítica do parceiro, é possível observar forte projeção de características no objeto e uma intensa dependência de um dos membros em relação ao outro. Quando ocorre a ausência do dito “mais forte”, ou protetor, o outro passa por um período de desolamento para em seguida tentar internalizar o que era seu no outro para que assim possa voltar a viver.

A autora ainda apresenta uma importante compreensão acerca do estado de viuvez, que com o avanço da expectativa de vida da população tem se tornado frequente. Para ela, não há igualdade entre os sexos quanto a esse assunto, pois os homens morrem mais jovens e quando viúvos voltam a se casar mais rapidamente. Para os homens, a aposentadoria seria mais dolorosa que a viuvez. Por isso, ela se refere predominantemente às mulheres e explica que, para elas, a forma como se elabora esse processo é influenciada simultaneamente pela personalidade e pela realidade externa, incluindo idade e profissionalização. No entanto, as viúvas já não aderem mais ao ideal da “mulher de um homem só”, nem suas vidas são aborrecidas ou monótonas no caso de permanecerem sozinhas. Entretanto, essas

tentativas de transpor o abismo entre as gerações portando-se como jovens podem gerar confusões e acirrar conflitos.

Kovács (1992) também aborda a questão da viuvez e acrescenta que as pessoas que se encontram nesse estado muitas vezes precisam aprender novas habilidades para suprir a perda, e que há de se fazer uma escolha entre permanecer só, porque se acredita que a relação perdida é insubstituível, ou buscar novos relacionamentos para dar continuidade à vida e dar cabo ao sentimento de solidão provocado pela perda. A autora também chama a atenção para o fato de que muitas doenças psíquicas podem estar relacionadas a um processo de luto mal elaborado. De acordo com Ariès (2003), a sociedade atual, ainda que se intitule avançada e iluminada e que permite que os casais se separem livremente, não permite e nem estimula que ela vivencie o luto de forma adequada e eficiente. A dor deve ser escondida em público e só revelada no abrigo da privacidade. Enquanto até o século XVIII a manifestação pública da dor através de símbolos era estimulada, a sociedade do século XXI prefere acreditar que no modelo de felicidade atual não existe dor ou luto ou então passa para o extremo oposto, representando uma dor mais intensa que o real com o intuito de, dessa forma, conquistar a simpatia e a piedade dos demais.

Portanto, verifica-se que as formas de manifestar e valorizar os sentimentos se modificam através dos tempos de acordo com o padrão cultural estabelecido. Perder alguém amado pode ser sinônimo de grande dor ou algo constante e imperceptível. Neste segundo modo de vivenciar a dor, é necessário refletir como se estabelece a identificação com o objeto e quais os mecanismos de defesa envolvidos, se é que eles são acionados. E, nesse contexto, deve-se investigar se o sujeito perde seu interesse pelo mundo externo e, em caso afirmativo, como ele retorna a sua rotina. Se, por outro lado, o interesse não é diminuído, a probabilidade de desenvolvimento da melancolia estará aumentada.

Em artigo recente com o objetivo de investigar as atitudes prevalentes após o término de uma relação amorosa, Marcondes,

Trierweiler e Cruz (2006) verificaram que predominam sentimentos de satisfação com a ocorrência da separação e afirmações de alívio, inclusive. Esses dados apontam para a validade da hipótese de uma fragilização dos relacionamentos, evidenciando a característica narcisista que a sociedade tem adquirido. O reconhecimento da dor e da perda, bem como a vivência e elaboração adequadas do luto, são essenciais. Diariamente, entretanto, vivem-se pequenas perdas e não há tempo para refletir sobre elas. O luto passa a ser não só negado, mas principalmente banalizado. Nesse sentido, quando se perde algo grande ou valioso, não se sabe como agir devido à inabilidade perante o luto acumulada das pequenas perdas. Contudo, ao mesmo tempo em que não se deve banalizá-lo, também seria extremamente prejudicial fazer apologias ao sofrimento, pois em seu extremo, prejudicaria a sublimação e a busca por outras relações.

Em conformidade com o que foi exposto, pode-se constatar que o luto é um assunto complexo, e que a sua vivência e expressão se encontram em transformação em virtude da disseminação do individualismo e do narcisismo. Os relacionamentos são vividos como efêmeros, incentivados atualmente pela sociedade consumista, como afirma Bauman (1998, p. 185) que considera: “*Nesta espécie de contexto, as estruturas firmes e elásticas do tipo ‘até que a morte nos separe’, indispensáveis no sistema de poder panóptico, perdem a sua utilidade: elas se tornam disfuncionais*”.

Portanto, parece ser de vital importância investigar se as separações amorosas têm suscitado a elaboração do luto e de que formas ele se manifesta, uma vez que se acredita que estes dados darão indicativos da saúde mental/psíquica dos coletivos.

## 2 Objetivos

O objetivo geral é averiguar como o luto em decorrência do término de relacionamentos amorosos se manifesta na constituição da subjetividade humana.

São objetivos específicos: compreender as múltiplas formas encontradas pelas pessoas de superação da dor e conhecer os modos de vivenciar, na atualidade, separações e lutos sofridos pelo fim de relacionamentos sejam eles decorrentes ou não da morte de um dos companheiros.

### 3 Método

Foi aplicado um questionário com escalas de atitude tipo *Likert*, formulado especificamente para esta pesquisa, a uma amostra de 106 pessoas de diferentes estratos socioeconômicos, distribuídas segundo as variáveis idade e sexo.

#### a) sujeitos

A amostra (106 pessoas) foi distribuída segundo sexo e idade, sendo 57 mulheres e 49 homens que se encontravam em três faixas etárias: de 18 a 30 anos, de 31 a 50 anos e de 51 a 70 anos. A fim de assegurar a proporcionalidade com os dados obtidos pelo censo demográfico realizado pelo IBGE no ano de 2000, a amostra ficou dividida em seis grupos, sendo eles compostos por 19 mulheres de 18 a 30 anos, 21 mulheres de 31 a 50 anos, 17 mulheres de 51 a 70 anos, 15 homens entre 18 e 30 anos, 20 homens de 31 a 50 anos e 14 homens de 51 a 70 anos.

#### b) instrumento

O instrumento escolhido consistiu em um questionário individual com 14 questões objetivas e respostas em escalas de atitude tipo *Likert*. Esta escolha justificou-se pela possibilidade de identificar a opinião dos participantes e proporcionar aos dados um tratamento estatístico apropriado. Segundo Cruz (2002), este tipo de instrumento é útil, pois identifica algumas posturas que, por sua vez, fazem menção aos valores e crenças que subjazem às atitudes frequentemente utilizadas pelo sujeito na percepção dos fatos.

A eficiência do instrumento construído para esta pesquisa foi validada através da realização de um pré-teste, do qual participaram 15 pessoas. Como o questionário mostrou-se viável para a pesquisa e de entendimento acessível aos participantes, não foram efetuadas alterações, e os 15 respondentes do pré-teste foram incluídos no total geral da amostra.

O questionário manteve-se composto por três itens de levantamento demográfico, que se referem ao perfil socioeconômico do entrevistado. Em seguida, 11 questões de opinião, duas configuradas em atribuição de valor em uma escala de 0 a 10 e o restante em alternativas de múltipla escolha. As questões referem-se à autoavaliação das pessoas a respeito de como se sentiriam ou se comportariam no momento da separação do casal.

### c) procedimento

A aplicação do instrumento ocorreu por meio do contato direto com os participantes através de abordagem individual. A pesquisadora se aproximava, apresentava-se, explicava os objetivos da pesquisa e os aspectos da participação. Introduzia o termo de consentimento livre e esclarecido, prestava esclarecimentos quando necessário e, mediante a aceitação e assinatura das pessoas abordadas, iniciava-se a aplicação do questionário. Não houve um tempo único de duração para a aplicação. Para garantir padronização da forma de abordagem e aplicação dos questionários, todos os contatos foram realizados pela mesma pesquisadora. As 106 pessoas foram abordadas aleatoriamente em diferentes locais públicos, tais como supermercados e centros comerciais de uma cidade do interior paulista de médio porte.

Foram cumpridos todos os termos explicitados pela pesquisa, bem como os requisitos da Res. CNS 196/96 e suas complementares, tendo sido aprovado o estudo pelo Comitê de Ética da Faculdade de Medicina de Marília – FAMEMA (035/06). O termo de consentimento livre e esclarecido foi lido pela pesquisadora, indivi-

dualmente, às pessoas abordadas, e somente quando elas concordaram com os termos assinando o mesmo, participaram da pesquisa.

## 4 Resultados

A respeito da escolaridade, verificou-se que entre os jovens, sejam eles homens ou mulheres, há altos níveis de escolaridade, entre o ensino médio completo e o superior completo. Nos grupos de pessoas entre 31 e 50 anos, as mulheres apresentam mais anos de escolaridade que os homens. Naqueles grupos que representam a população mais idosa (de 51 a 70 anos), observa-se que há significativo número de analfabetos e pessoas com poucos anos de escolaridade formal, sendo que 54,8% deles encontram-se nesta situação, não ultrapassando o ensino fundamental completo. No entanto, os homens deste grupo apresentam maior escolaridade que as mulheres.

Quanto à condição atual dos relacionamentos amorosos, constatou-se que 69,8% dos entrevistados estão vivendo uma relação amorosa. No entanto, há mais homens (88,7%) que mulheres vivendo esta situação. No grupo de idosos a diferença fica evidente. Enquanto 58,8% das mulheres deste grupo estão em novos relacionamentos, o número de homens na mesma situação é de 85,7%. Nos grupos mais jovens (de 18 a 30 anos), ocorre o mesmo. São 57,9% das mulheres que estão vivendo uma relação amorosa enquanto entre os homens o número passa para 73,3%. Desta forma, pode-se inferir que há mais mulheres que não estavam vivendo solitariamente na época da entrevista.

A comparação entre os grupos no que se refere à questão “*Você já viveu alguma relação amorosa que tenha terminado?*” deixa evidente que a maioria dos respondentes (87,7%) já viveu alguma situação de término de relacionamento amoroso, e entre os mais idosos, todas as mulheres já viveram a perda de um parceiro.

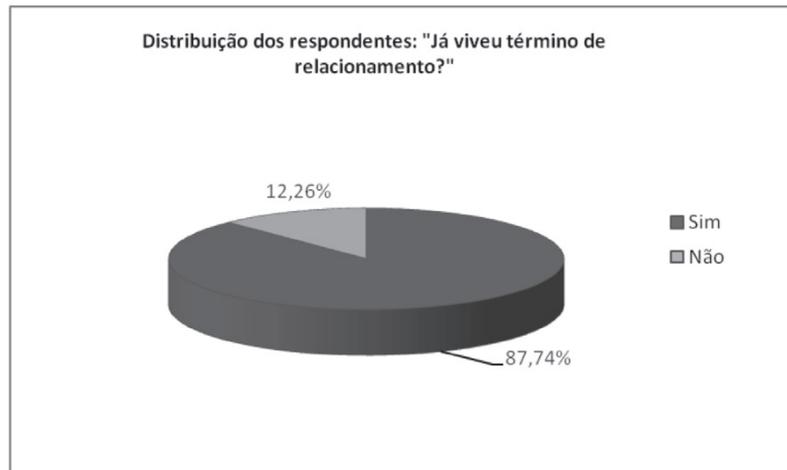


Figura 1: Distribuição dos respondentes quanto ao término de relação amorosa

Na investigação de como a pessoa se sentiria se a separação ocorresse por vontade do outro, foi obtida a seguinte distribuição:

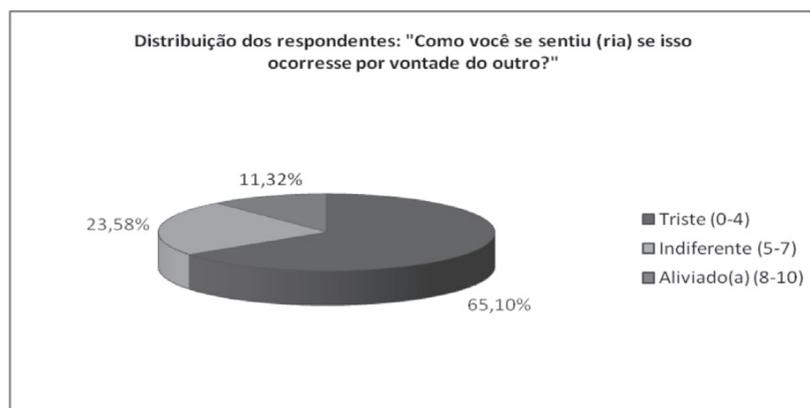


Figura 2: Distribuição dos respondentes quanto ao sentimento no caso de término de relacionamento por vontade do outro.

Tal resultado sugere predominância de tristeza com a situação. Entre as mulheres de 18 a 30 anos, 63,2% deram resposta referente a sentimento de tristeza, enquanto 31,5% ficariam indiferentes. A tristeza também predomina entre as mulheres de 31 a 50 anos (90,5 %). Já entre as mulheres mais idosas, 47% ficariam tristes, 29,4% indiferentes e 23,5%, aliviadas. Sobre o grupo dos homens, nota-se que os mais jovens (18-30 anos) apresentam respostas que variam entre tristeza (40%), indiferença (33,3%) e

alívio (26,7%). No grupo de idade entre 31 e 50 anos, há predomínio do sentimento de tristeza com a separação (80%). No grupo com idade entre 51 e 70 anos, a maioria ficaria triste (57,2%), enquanto 28,6% ficariam indiferentes e 14,2%, aliviados. Esses dados indicam que embora a tristeza prevaleça, também há relatos de satisfação/alívio com a separação, principalmente entre os homens jovens e mulheres mais idosas.

Quanto às atitudes prevalentes nesta situação, as mulheres parecem ter maior tendência a chorar que os homens. No grupo de mulheres entre 18 e 30 anos, a frequência desse comportamento é de 68%. Entre as mulheres de 31 a 50 anos, 76%. No entanto, essa demonstração estaria reclusa à privacidade do lar e elas disseram que sairiam para passear mesmo sofrendo, o que indica que no âmbito público procurariam não expressar sua dor. Dentre as pessoas com mais idade há pouca tendência à expressão de dor, predominando o “agir como se nada tivesse acontecido” e o “não chorar e sair ainda mais para passear”. Essas respostas foram dadas por 47,1% das mulheres entre 51 e 70 anos e por 57,1% dos homens da mesma faixa etária.

Quando se considera a reação dos entrevistados no caso da separação ocorrer por vontade própria, encontra-se a seguinte distribuição:



Figura 3: Distribuição dos respondentes quanto aos sentimentos no caso do término do relacionamento por vontade própria.

Nessa situação, a distribuição das respostas está bem homogênea, contudo, os participantes tendem a se mostrar mais aliviados ou indiferentes do que na circunstância em que o relacionamento acaba por vontade do outro. As pessoas mais idosas manifestariam maior tristeza, como se neste grupo a separação fosse sentida como mais dolorosa e dolorida. Dentre as mulheres com idade entre 51 e 70 anos, 45,3% ficariam tristes, contudo, praticamente o mesmo número daquelas ficariam aliviadas com o término (41,2%). Já entre os homens desta faixa etária, 42,9% manifestariam tristeza e 35,7%, indiferença.

As atitudes nesta situação também tendem a ser a ausência de expressão de dor (63,2%), prevalecendo o comportamento de sair para passear e agir como se nada tivesse acontecido. Um aspecto interessante revelado pela pesquisa refere-se a tornar público o término do relacionamento. Aos entrevistados foi perguntado: “*Você contaria para as outras pessoas que o relacionamento acabou?*”. Oitenta e oito por cento não teriam problema em tornar pública esta notícia, e 84% não fariam segredo sobre de quem foi a iniciativa de terminar o relacionamento. Os homens mais idosos seriam os que se sentiriam menos à vontade para contar do rompimento ou sobre de quem partiu a iniciativa de terminar, embora a maioria tenha respondido que revelaria essas informações sem problemas.

Dados relevantes foram obtidos no quesito quanto tempo esperar para pensar em se envolver com outra pessoa. A Figura 4 apresenta a distribuição das respostas apresentadas pelas mulheres, e a Figura 5, a mesma distribuição, mas apresentada pelos homens.

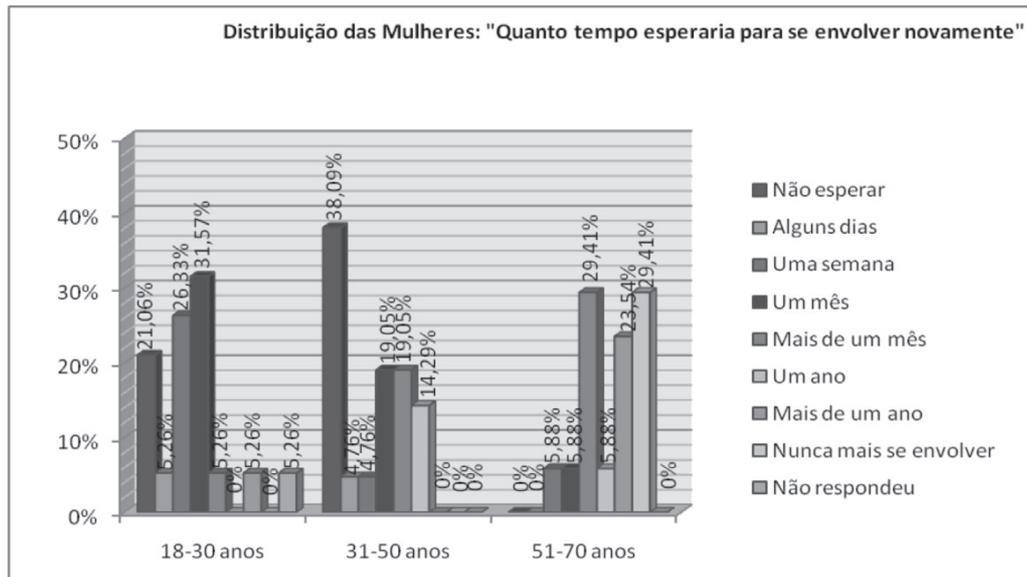


Figura 4: Distribuição das mulheres quanto ao tempo de espera para voltar a se envolver

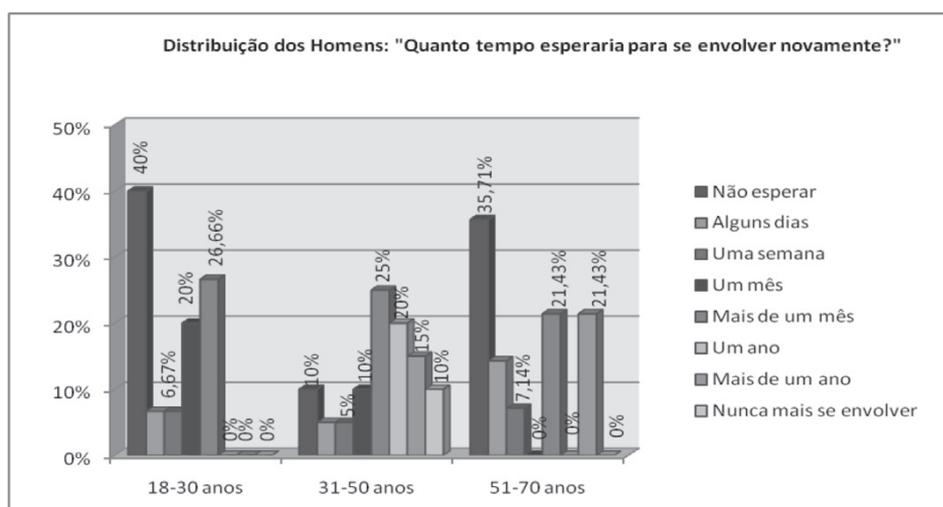


Gráfico 5: Distribuição dos homens quanto ao tempo de esperar para voltar a se envolver

Observa-se que as mulheres mais jovens, de 18 a 30 anos, demorariam de uma semana a alguns meses para procurarem um novo amor (63,2%). Dentre as de idade entre 31 a 50 anos, 42,9% não esperariam ou aguardariam no máximo alguns dias, enquanto 42,9% esperariam entre uma semana e alguns meses. Também seria este o período esperado por 41,2% daquelas cuja idade varia entre

51 e 70 anos. No entanto, 58,9% deste mesmo grupo esperariam por mais tempo, de um ano até o ponto de nunca mais se envolver.

Dos homens entre 18 e 30 anos, 46,7% não aguardariam tempo algum ou esperariam uns poucos dias apenas e 53,3% aguardariam de uma semana a alguns poucos meses para partir para um novo amor. Este também seria o período aguardado por 40% daqueles com idade entre 31 a 50 anos, enquanto 45% deste grupo esperariam um ano ou mais, sendo que também houve respostas sobre nunca mais se envolver. Entre os homens com idade de 51 a 70 anos, a maioria (50%) não esperaria mais que alguns poucos dias para voltar a se envolver, o que representa uma resposta oposta à das mulheres da mesma faixa etária. Entre os mais idosos, as mulheres tendem a esperar mais tempo que os homens para voltar a se envolver afetivamente.

## 5 Discussão

Os dados indicam a diferença entre os sexos a respeito de como se vive as relações amorosas. Há mais homens envolvidos em laços amorosos que mulheres. Dentre os mais idosos, a tendência se mantém. Esse dado pode ser uma das facetas do que relata Bassanezi (2000) a respeito da maior liberdade que os homens têm para se engajar em diversas parcerias por não sofrerem com o preconceito do grupo social, no qual as mulheres são mais estigmatizadas como levianas quando se apaixonam. Ademais, estar ligado a uma mulher é sinal de *status* para os homens, enquanto o mesmo não ocorre para o sexo feminino. Entretanto, não se pode determinar, pelo questionário proposto, se esses laços amorosos estabelecidos pelos homens se referem a apenas uma ou a várias mulheres. Segundo Pincus (1989), a geração mais jovem não aceita com facilidade que as mulheres mais idosas se envolvam amorosamente, e estas acabam sofrendo mais com esse tipo de tensão geracional, implicando em restrições familiares para novas relações afetivas.

A maioria dos participantes (87,7%) revelou já ter vivido alguma situação de término de relacionamento amoroso, o que corrobora a hipótese de Lasch (1991) de que esses compromissos podem ser desfeitos a qualquer momento se um dos parceiros concluir que já não lhe é mais vantajoso permanecer neles. Assim como muitos parecem já ter perdido um objeto amado, poder-se-ia supor que algum tipo de luto já haverá se processado, em concordância com Freud (1974) sobre o fato de que perdas de objetos amados acarretam vivência de dor e sequente elaboração do luto.

Nos casos em que o relacionamento termina por vontade do parceiro e não da pessoa, 65,1% dos entrevistados demonstraram tristeza com a situação, havendo, entretanto, 23,6% de respostas de indiferença e de 11,3% de alívio. Esses dados indicam que, embora a tristeza prevaleça, também há relatos de satisfação com a separação, principalmente entre os homens jovens. O dado de alívio coincide com os resultados encontrados por Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006). Na presente pesquisa se observa que é entre os homens jovens e mulheres mais idosas que o alívio se pronuncia.

As mulheres em situação de término de relacionamento amoroso por vontade do outro parecem ter maior facilidade para chorar que os homens. No entanto, essa demonstração estaria restrita à privacidade do lar e essas mulheres sairiam para passear mesmo sofrendo, o que indica que no âmbito público procurariam não expressar sua dor. Este dado está em concordância com a tese defendida por Ariès (2003) de que nossa sociedade não aceita esse tipo de demonstração de dor; ela deve ser escondida em público e só revelada no abrigo da privacidade. Dentre as pessoas com mais idade, há pouca tendência à expressão de dor, predominando o “agir como se nada tivesse acontecido” e “não chorar e sair ainda mais para passear”.

Esses dados também parecem estar em consonância com as idéias apresentadas por Sennett (2002) de que as pessoas se envolvem superficialmente e não demonstram dor na esfera pública, temendo se expor. Ainda pode-se supor que haveria um mecanismo

de negação agindo como defesa para a dor da perda, conforme o apresentado por Caruso (1986), que prevê esse e outros mecanismos de defesa. Para as idosas, pode-se supor que o casamento, feito em moldes machistas, não lhes tenha proporcionado muito prazer e por isso não lamentariam o término de um relacionamento que é estabelecido para maior deleite do homem do que da mulher, conforme indica Bassanezi (2000). Alguns comentários a esse respeito foram verbalizados por entrevistadas no momento do questionário.

Já a não demonstração de dor entre os homens mais idosos pode ser explicada por esse machismo citado, bem como pela hipótese de Pincus (1989) de que eles sofreriam mais com a aposentadoria do que com a perda das esposas, pois teriam sido educados para valorizar mais o trabalho e a capacidade de serem produtivos economicamente. A duração das atitudes encontradas para se defenderem da perda não é muito longa, principalmente para os homens. Esses dados podem estar relacionados com o mecanismo de negação. Por outro lado, essa e outras defesas se manifestam mais entre as mulheres.

O questionário também possibilitou verificar se há diferenças dessas respostas no caso do término do relacionamento amoroso ter se efetuado por vontade do próprio respondente. Nessas circunstâncias, a distribuição das respostas está bem homogênea, contudo, os participantes tendem a se mostrar mais aliviados ou indiferentes do que na circunstância em que o relacionamento acaba por vontade do outro. As pessoas mais idosas são as que manifestariam maior tristeza, se comparado aos demais grupos, muito embora este não seja o sentimento prevalente.

Os dados de alívio com o término de um relacionamento coincidem com as respostas de satisfação com o rompimento amoroso encontradas por Marcondes, Trierweiler e Cruz (2006). Quanto ao fenômeno do alívio encontrado entre a população mais idosa, ele parece ser inédito por agregar dois tipos de sentimentos opostos, muito embora Freud (1974) já antecipe que o processo de luto traz à

tona sentimentos mais primitivos, o que pode estar relacionado com a ambiguidade encontrada. As atitudes apresentadas na situação de término do relacionamento por iniciativa própria também revelam tendência à ausência de expressão de dor. Somente no grupo das mulheres entre as idades de 31 a 50 anos esta propensão não fica evidente.

Embora Caruso (1986) afirme que há diferenças entre os casos em que o rompimento é inesperado e aqueles em que a pessoa o planeja no que se refere à intensidade da dor, em nossa amostra isso não se verifica, corroborando com a hipótese de Ariès (2003) de que a manifestação de dor na vivência do luto seria determinada pelos valores culturais que prevalecem no momento histórico estudado. No caso do rompimento do enlace amoroso, 87,7% não teriam problemas em tornar pública essa notícia, e 84% não fariam segredo sobre de quem foi a iniciativa de terminar o relacionamento. Esses dados reforçam a tese de fragilização das fronteiras entre as esferas pública e privada proposta por Sennett (2000). No entanto, os homens mais idosos seriam os que se sentiriam menos à vontade para contar do rompimento e de seu protagonista, embora a maioria tenha respondido que revelariam essas informações sem problemas. Essa dificuldade pode estar relacionada a um temor de demonstrar fraqueza que é esperado, se tomarmos por base Bassanezi (2000).

Sobre quanto tempo esperariam para se envolver novamente, as mulheres tendem a não esperar muito tempo para voltar a se envolver, exceto 58,8% das mulheres do grupo entre 51 e 70 anos, que esperariam por mais tempo, de um ano até o ponto de nunca mais se envolver. A tendência deste grupo a não se envolver novamente contradiz o que é colocado por Pincus (1989) e Bauman (1998) sobre já não haver no imaginário popular a crença de que há viúvas de “um homem só”. Contudo, esse dado pode estar relacionado à ideia de Bassanezi (2000) de que essas mulheres acreditam não dispor da aceitação social para um novo amor, ou então de que estão desencantadas do amor. Podemos também supor que em função da idade apre-

sentada são pessoas menos inseridas nessa sociedade, considerada líquida pelo sociólogo.

Entre os homens, todavia, verifica-se a tendência de não aguardar muito tempo para ir em busca de um novo amor. Diferentemente dos seus pares femininos, os homens com idade de 51 a 70 anos não esperariam mais que alguns poucos dias para voltar a se envolver, o que vai ao encontro da tese de Pincus (1989) de que há viúvas e não viúvos, pois os homens, quando se veem sozinhos, logo procuram outra companheira. O dado também corrobora com a afirmação de Bassanezi (2000) de que na educação machista os homens não são preparados para se cuidarem sozinhos e necessitam de uma esposa. De qualquer maneira, pode-se observar que, em geral, as pessoas não se demorariam muito em procurar um novo amor, o que parece indicar a não vivência do luto, reforçando a tese de fragilidade dos vínculos proposta por Lasch (1991) e por Bauman (1998).

## 6 Considerações finais

Os resultados obtidos confirmaram a hipótese de que o luto pode se manifestar de diferentes formas na subjetividade humana e que os preceitos valorizados na sociedade podem exercer influência direta na vivência da dor, especificamente no que se refere ao tipo de dor estudada, que é o luto por rompimento afetivo, pois na amostra estudada há variedade de atitudes e prevalece a não demonstração de dor com o término do relacionamento, que está de acordo com a valorização de sentimentos individuais, narcisistas que parecem prevalecer atualmente em nossa cultura.

Os elementos encontrados indicam fragilização dos vínculos afetivos, pois as pessoas já não sofrem com as separações e praticamente todos já passaram por relacionamentos que terminaram. Assim, os relacionamentos tendem a ser efêmeros e a funcionarem a partir da lógica do consumismo.

A partir dos objetivos propostos, pode-se concluir que, no que diz respeito a como o luto em decorrência do término de relacionamentos amorosos se manifesta na constituição da subjetividade humana, há tendência a não expressão dos sentimentos de tristeza em público, apontando para a individualização e não vivência e/ou não elaboração do luto.

Na atualidade, os modos de vivenciar separações e lutos sofridos pelo fim de relacionamentos decorrente ou não da morte de um dos companheiros não envolvem sentimentos ou demonstrações de dor e sofrimento. As pessoas tendem a esconder seus sentimentos, e o fenômeno pode estar associado ao mecanismo de defesa de negação da perda ou à ausência de vínculos afetivos verdadeiros e consistentes entre as pessoas. Ambas as possibilidades estariam em concordância com os valores cultuados por nossa sociedade.

Sobre as formas que as pessoas encontram para superar a dor, verifica-se que o fenômeno aqui encontrado afasta-se dos processos de elaboração de luto propostos pelos autores que escrevem sobre o tema. Na ausência de dor, não há disparador para as demais fases do luto. Outra hipótese é a de que esteja operando o mecanismo de negação. Contudo, ela precisa ser estudada mais detalhadamente. O que se pode supor é que, de qualquer forma, a negação também está impedindo que se iniciem as outras etapas do processo de elaboração do luto.

Tais apreciações sobre o luto no término dos relacionamentos amorosos também permitem construir conhecimentos a respeito da subjetividade familiar. Dentro do contexto aqui encontrado, pode-se inferir que a família está cada vez mais centrada na educação dos filhos, embora também possamos considerar que os filhos acabam por estruturar e vivenciar vínculos mais frágeis e superficiais, pois a relação do casal se tornou muito fragilizada por ser constituída por vínculos menos implicados e mais fluidos, que podem ser desfeitos a qualquer momento.

A temática da terceira idade também se revelou uma importante área de estudos, pois são os que apresentaram resultados diferenciados em relação aos demais grupos. Da mesma forma, o grupo dos idosos chamou atenção pela maior disparidade de respostas entre os sexos. Tendo em vista esses diversos pontos que merecem ser detalhados, verifica-se a vital relevância da realização de entrevistas de cunho qualitativo, importante para melhor compreensão dos dados e para novas descobertas.

## Referências

- ARIÈS, P. (2003). **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- BASSANEZI, C. (2000). Mulheres dos anos dourados. In DEL PRIORE, M. (org). **História das mulheres no Brasil**. (pp. 25-39). São Paulo: Editora Contexto.
- BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1998
- CARUSO, I.A. (1986). **A separação dos amantes**: Uma fenomenologia da morte. Trad. João SILVÉRIO Trevisan. 4ª edição. São Paulo: Cortez Editora.
- COSTA, J. F. (1999). **Ordem médica e norma familiar**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- CRUZ, R.M. O processo de conhecer em avaliação psicológica. (2002). In Cruz, R. M., Alchieri, J. M. & Sarda, J. J. **Avaliação e medidas psicológicas – produção do conhecimento e da intervenção profissional**. (p. 15-24). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- FREUD, S. (1974). Luto e Melancolia. In. Obras In S.Freud, **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- KOVÁCS, M. J. (1992). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- LASCH, C. (1991). **Refúgio num mundo sem coração**. A família: santuário ou instituição sitiada? Trad. Ítalo Tronca e Lúcia Szmreisanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- MARCONDES, M.V., Trierweiler, M. & Cruz, R.M. (2003). Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 26 (1), 94-105.
- PINCUS, L. (1989). **A família e a morte**: como enfrentar o luto. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Sennett, R. (2002). **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das letras, 8ª edição.